

A ditadura em que vivemos

Rafael Ademir Oliveira de Andrade
Cientista Social e Mestre em Educação

“O problema de hoje em dia é que as pessoas inteligentes estão cheias de dúvidas e as idiotas, cheias de certeza”.

Charles Bukowski

Resumo

Este ensaio preocupa-se em elucidar algumas questões teóricas e reflexivas acerca de eventos ocorridos nas últimas eleições no Brasil e que desenham um panorama das reflexões políticas realizadas nas redes sociais e nas grandes mídias em geral que, por sua vez, influenciam as decisões e discursos dos indivíduos que tem acesso a estes veículos de massa. Para realizar tal atividade, foram realizadas reflexões acerca de conceitos de Adorno, Gramsci, Ortega y Gasset sobre a sociedade moderna e o posicionamento das massas em conjunto com a observação do autor acerca das ações sociais supracitadas. A discussão foi norteadada pela reflexão acerca da ditadura da opinião e suas vicissitudes na sociedade brasileira moderna.

Abstract

This essay is concerned with elucidating some theoretical questions and reflective about events that occurred in the last elections in Brazil and drawing a picture of political considerations made on social networks and major media in general that, in turn, influence decisions and speeches of individuals who have access to these mass media. To perform this activity, reflections were made about concepts of Adorno, Gramsci, Ortega y Gasset about modern society and the position of the masses together with the author's observation on the above social actions. The discussion was guided by reflection on the dictatorship of opinion and its vicissitudes in modern Brazilian society.

Na pesquisa de mestrado que realizei, fiz leitura de um autor liberal e culturalista chamado Pedro Ortega y Gasset. Existem algumas afirmações políticas do autor que eu discordo totalmente, mas acreditamos, eu e minha orientadora, que manter um intelectual que não fosse marxista, que defendesse uma perspectiva diferente sobre a sociedade seria importante para o desenvolvimento do texto e para uma realização prática daquilo que propúnhamos na pesquisa: o ensino de Sociologia como possibilidade de crítica/construção da crítica sobre a sociedade de massas.

Theodor Adorno irá trazer uma discussão sobre a educação após o evento catastrófico do nazismo: de que o consenso do discurso é um caminho para que o

mesmo conceitua como barbárie, a ausência da humanidade, algo que vimos na história do nazismo e outras formas de ditaduras – o mesmo para a URSS, afirmo, para desgosto dos marxistas mais ortodoxos.

Logo, podemos compreender que a multiplicidade dos discursos é importante para a manutenção de uma intenção de existência futura daquilo que chamamos de democracia. Ou até mesmo para o que chamamos de humanidade. A presença de Ortega y Gasset, liberal e culturalista, dentro de um trabalho acadêmico que organiza conceitos de Adorno, Horkheimer, Marcuse e outros pensadores que nascem dentro da escola marxista do pensamento é uma intenção – prática – de manter o dissenso dentro do que deveria ser puro consenso e, quem sabe, um erro político.

Durante a construção do trabalho, pensei estar cometendo um erro teórico, trazer para a “berlinda” das discussões teóricas um autor que, apesar de concordar com o conceito de massas, dá uma origem histórica e uma prática cultural totalmente diferente do que a teoria crítica apontava. Creio então que o trabalho ser aprovado e esta escolha ter sido elogiada pela banca coroou uma certeza política que tinha mesmo frente a incerteza teórica e metodológica. Mais um acerto de muitos de minha orientadora.

Qual é o ponto desta introdução? Para a Escola Crítica, a massa é fruto de uma intenção da classe dominante, ela nasce um conjunto de valores que associa a situação econômica das classes não proprietárias com o direcionamento ideológico da classe dominante, em outras palavras, soma-se miséria, desemprego, desinformação e outras instabilidades sociais com o desejo de uma classe se manter no poder.

Claro que esta informação pode ser associada ao Partido dos Trabalhadores (que está atualmente na presidência do Brasil) ao passo que ele representa os interesses de uma classe social privilegiada e não promove a emancipação cultural daqueles que auxilia com seus programas sociais. Gramsci provavelmente analisaria da seguinte forma: existem dois tipos de intelectuais, uma elite de pensamentos burgueses e a militância petista, e há dois tipos de homens-massa (e que surgem da mesma natureza), os que são abarcados pelos programas sociais do PT, concordam com isto e com sua propaganda, e os que não precisam ser (ou até precisam) dos programas sociais e acreditam que “estão sustentando vagabundos”.

Nesta sociedade formada por intelectuais dirigentes e homens massa (uma forma de organizar o pensamento sobre a mesma), não se pode esquecer que, sem certo autoconhecimento político, teórico e existencial, somos todos transformados em homem-massa: cooptados pelos intelectuais, assumimos o posicionamento de uma das classes sociais que estão em conflito pelo poder social e nem sempre somos beneficiados pelas escolhas que fazemos.

Passamos a defender esta classe com todo afinco e é nesta que surgem os militantes petistas que não conseguem ver corrupção na velha guarda do partido e os militantes da “direita” que buscam a volta a ditadura militar, afirmam que o povo nordestino é uma raça inferior (pensamento eugenista que faria Hitler dar gritos de felicidade), dentre outras atrocidades, de todos os lados.

Para Ortega y Gasset, a massa se compõe de uma grande parcela da sociedade que, ao se livrando dos padrões culturais e econômicos da elite, se torna incontrolável, rebelando-se contra a ordem que poderia existir naquela sociedade. Este pensamento do filósofo espanhol aponta um distanciamento da sociedade de classes, organizando os indivíduos pelo acesso e recebimento de uma cultura escolhida por certo grupo de indivíduos – sofre do mesmo mal de todos os liberais: quer transformar em magia tudo aquilo que é sólido.

Há uma crítica gritante sobre “A Rebelião das Massas”: em nenhum momento o autor aponta que a massa é fruto de interesses sociais, da elite ou mesmo aponta o surgimento das massas como fruto do desenvolvimento dos meios de comunicação em massa, mas creio que afirmar isso seria o mesmo que dizer que as massas são fruto do capital, pois tanto hoje quanto no século passado, é a elite que domina as formas de comunicação em massa. Há um vazio (ou “gap”), um espaço, no discurso deste autor.

Ortega y Gasset trás, dentro deste viés que apontei acima, algumas características da massa que considero reflexões da massa no Brasil e essencialmente suas manifestações na última eleição e nos dias que se seguem. Discordo do espanhol essencialmente na “origem histórica” e função da massa, vou concordar com Adorno e Horkheimer, ou seja, com a Teoria Crítica e sua revisão do marxismo.

A primeira questão é sobre o filisteu¹ da cultura. Neste conceito, o autor vai apontar aqueles indivíduos que são grandes defensores e que seguram o estandarte das massas, das culturas que adotam. Este filisteu da cultura é o líder da exploração, ele desconhece a origem de suas crenças, ele a reproduz violentamente e ao mesmo tempo, subordina os que estão a sua volta à estas crenças sempre que possível, sempre que ocupa espaços de poder.

Pode-se afirmar que este filisteu assume uma posição dentro do conflito de classes, mas não como um intelectual consciente, mas como o grande reproduzidor da massificação. Temos como exemplo deste o indivíduo que afirma “eu sou um burguês, eu amo a burguesia”, podemos amar os benefícios de uma sociedade burguesa, mas o burguês é aquele que detém os meios de produção material, este filisteu da cultura é um defensor dos valores morais e éticos de uma classe social, mesmo sem participar dos benefícios de pertencer a esta classe. O filisteu da cultura é o agente responsável por manter as pessoas dentro da engrenagem.

Na Alemanha Nazista antes de 1933, a SS (a polícia especial do governo) contava com poucos membros em comparação aos indivíduos das cidades em que atuava: essencialmente ele contava com informantes beneficiados diretamente pelo partido nacional socialista e do filisteu da cultura, aqueles indivíduos que tinham dentro de si antissemitismo e que defendiam os interesses do Fuhrer mesmo sem terem benefícios diretos.

No capitalismo, o filisteu vai difundir a necessidade do consumo, do trabalho em qualquer condição, da educação técnica e direcionada, o machismo (ou falocentrismo), o preconceito religioso (colocando certas religiões sobre as outras, essencialmente a sua), dentre outras formas de discurso que vão beneficiar a classe dos empresários no que cerne ao controle ideológico e material das massas.

Podemos ver outras formas de atuação do filisteu da cultura: ele é o reproduzidor do etnocentrismo! Só sua cultura é a correta, só ela pode salvar a alma, ou o Brasil! A cultura do outro é excêntrica em dois tipos: ou ela é boa para se visitar ou deve ser mantida longe. Os imigrantes haitianos que estão trabalhando no Brasil podem ser bons ou ruins para o filisteu da cultura: quando ele dança, se converte ao cristianismo e

¹ Sei que este termo não é apropriado e demonstra um pensamento arcaico, mas estou mantendo o conceito como ele é escrito em respeito ao autor.

trabalha recebendo menos do que um brasileiro, ele é bom, mas quando “rouba meu emprego” ou é praticante de Vodou, ele é mal e deve ser “devolvido ao seu país de origem”, o filisteu compra as intenções da elite, sendo ele um dos mais explorados.

Tanto Adorno quanto Ortega y Gasset não presenciaram o amplo desenvolvimento das redes sociais na modernidade. É preciso levar os conceitos que eles cunharam além do jornal, rádio e cinema e tenho compreensão que este simples ensaio não esgotará as possibilidades de análise, mas proponho uma singela apresentação. O sentido desta parte do texto é apresentar o que seria uma rebelião da massas e como esta se apresenta agora como uma ditadura das massas – não como Ortega y Gasset pensa – mas amparada pelos interesses da classe dominante.

Para o filósofo espanhol, a rebelião das massas é quando estas saem do poder da elite dominante cultural e economicamente. Assim, esta rebelião leva à degradação da cultura e do país como um todo, pois vivemos a “imposição da opinião”. A massa é ignorante e não reflete intelectualmente sobre o que vai afirmar: afirma de acordo com seus gostos, impondo sua vontade. Nessa questão, estudando e observando as redes sociais, só posso discordar de uma coisa: as massas não saem do julgo das classes dominantes, mas se emergem no discurso da mesma, que é elitista e segregacionista.

Assim, na segunda metade do século XX nós temos a imposição da opinião como força primeira e última da massa, como preceitua o filósofo espanhol, mas qual seriam o alcance e a força motriz dessas afirmações que são tão afirmativas quanto pessoais sobre a generalidade social. Para esta forma de rebelião das massas, a ciência e a reflexão filosófica não são fatos à serem levados em consideração na definição do que é certo ou errado.

Com o desenvolvimento das redes sociais, o alcance da imposição da verdade é cada vez mais amplo, atinge a todos e os resultados são óbvios: chegamos ao brasileiro que reclama da ditadura populista pedindo pela ditadura militar, como se esta fosse solução para aquela, como se a tortura e morte fosse a solução para a tortura e a morte que o brasileiro comum sofre diariamente.

Tudo começou com os vlogs (blogs de vídeos, ao invés de escrever, os autores postam vídeos) do “youtube”. Na época, em uma discussão sobre a sociedade um dos que pertenciam a mesa citara tal de “Felipe Neto” ao falar de política, economia e

mercados. Foi infecunda a possibilidade de citar Marx, Smith (apelei para o lado liberal filisteu da cultura) ou outros autores: o cara que aparece fazendo caretas no Facebook era a autoridade intelectual da mesa. Aí que nós temos um grande problema: a internet 2.0 possibilitou que todos colocassem suas opiniões sobre todos os assuntos e ao invés de uma democratização dos conhecimentos, chegamos ao que chamo de ditadura das opiniões, esta sim, a ditadura que já vivemos.

Este movimento da ditadura da opinião criou diversos monstros desde a primeira década do século XXI. Seu espaço não é na academia, a não ser como objeto de estudo, mas vai proliferar nas redes sociais e nas manifestações de opinião. Ela gera Felipe Neto e Pedro Bial, ela dá o tom e retira das catacumbas o Poderoso Olavo de Carvalho – professor sem ter diploma ou experiência, filósofo sem refletir – dando para estes e outros o poder sobre a opinião. Mas a ditadura que vivemos não se instaura aí, neste começo: no início estes “intelectuais da massa” vão se preocupar em afirmar sobre sagas de filmes e livros, sobre o conteúdo de refrigerantes e outras questões inerentes à cultura de massas.

Pouco a pouco o espaço para a leitura e crítica de livros se restringe à Academia e a espaços mais obscuros da rede mundial de computadores: o estudioso (o nerd de antigamente) não é mais um estudioso, mas um curioso de tudo. A opinião toma conta da rede e dos indivíduos servindo como um reforço, e agora, como um substituto ao antigo poder da televisão. Assim como os intelectuais judeus foram sumariamente trocados por intelectuais eugenistas na Alemanha nazista, o acadêmico e o pesquisador foram trocados pelos “compartilhamentos”, pelas “frases feitas” das redes sociais, belos vídeo-blogs, jornais eletrônicos e outras formas de comunicação em massa. É uma evolução distópica da função que a televisão realizava, o mesmo que a propaganda nazista, propagando ódio e violência quase que na mesma medida.

Não quero parecer com Balzac (nem poderia ter a grandeza do mesmo) em “Ilusões Perdidas” e na introdução de “Comédia Humana”, sendo um intelectual que se opõe as novas formas de manifestação da cultura, Balzac foi contra o jornalismo até ser assimilado pelo mesmo em seus trabalhos.

É preciso compreender que há uma diferença metodológica e de objetivos entre Roberto DaMatta e Olavo de Carvalho, Sakamoto ou Reinaldo de Azevedo, o primeiro tem uma preocupação em verificar, como cientista, o que uma sociedade é ou apresenta

ser e os outros dois tem um grande canal de comunicação a seu serviço para expor sua simples, preconceituosa e direcionada opinião, sendo aclamados pelas massas, que vão concordar com eles pois está dentro do rol de suas crenças aquilo que eles falam: a opinião dá força a opinião e, geralmente, ao preconceito e ao ódio ao outro.

Proponho-me como cientista ou como alguém que reflete sobre o tema, tentar atribuir aos bois os nomes certos, como eu fiz no começo deste ensaio: a culpa é de todos os partidos e quem ganha com isto não é o brasileiro, é um interesse de classes e minoritário, claro que, dentro dos partidos, existem indivíduos que possam pensar no coletivo e conseguir certas vitórias, mas minha opinião sobre o tema é distópica.

Voltando ao objeto diretamente. Em 2012-2014, por força impulsionadora da grande mídia e das redes sociais foi possível observar a entrada massiva destes agentes da opinião no conflito de classes, no período de eleição, antes e após o mesmo. Artistas e “(v)blogueiros” foram utilizados amplamente como opiniões assertivas e definitivas sobre as questões sociais e políticas no Brasil e no mundo. Muitos se posicionaram diretamente e colocaram suas opiniões a serviço do convencimento para um partido x ou y.

Esta relação arte-sociedade não é exatamente nova, mas a minha opinião sobre a necessidade de uma reflexão crítica e científica sobre a sociedade também não: cito principalmente Weber e Mannheim, para sair do eixo marxista-liberal como exemplo, a sociologia da educação dos mesmos (ou objetivos para a educação) é a racionalização da sociedade.

A ditadura que nós vivemos, da opinião, se solidifica com os espaços ganhos pela opinião dos seus ditadores: homens embebidos das vontades de uma classe social, defendendo estes posicionamentos a todo custo e difundindo estas ideias com a afirmação de uma verdade religiosa – sem saber ou sabendo – estes “mestres da opinião” levam as massas, ao homem-massa, incapaz de refletir e sedento por acomodação (pelo “sono gostoso” social, como dizia um professor meu, ou pelo “calor acolhedor do rebanho” como diria outro) a seguir todas as tendências: até mesmo querer a volta da tortura e a certeza de que o nordestino é um ser inferior.

Se nos posicionamos contra a ditadura “bolivariana-petista-bolchevique-maoísta” no Brasil, primeiro deveríamos saber o que realmente é uma ditadura e seus estágios: numa ditadura direta, não poderíamos submeter nossa opinião contra elas.

Se vivemos numa ditadura socialista velada, então podemos dizer que vivemos uma ditadura capitalista velada: se pode olhar para a proteção social exacerbada do Estado, pode-se ver também o consumismo cada vez mais presente em nossas crianças, mas como massas, “psdbistas ou petistas” só vemos um lado, o lado de onde estamos e mudamos de opinião de acordo com o que é veiculado nas mídias e não paramos para refletir sobre a veracidade de nenhum dos dados. Refaço uma pergunta de um amigo, estudante de direito: quem de nós aqui fiscalizou o portal da transparência nos últimos dias? Mas todos nós temos uma opinião, que vai concordar com Reinaldos, Lobões, Sakamotos, e outros.

Já afirmo: sou contra toda forma de ditadura: do capital, socialista (que historicamente tem sido assassina), de raça ou da opinião. Volto ao conceito do começo do texto: a divergência do pensamento surge da reflexão de cada indivíduo sobre seu condicionamento social, quem disse isso foi Freire, se apropriando de Marx. A sociedade de massas é uma evolução do pensamento capitalista e de outras formas de ditadura: foi presente no nazismo, no socialismo e é presente no capitalismo, é a essência da dominação dos povos, lição que Aristóteles ensinou à Alexandre o Grande, melhor é vencer pela cultura, a vitória pela simples força levaria às revoltas.

Só aquilo que eu gostaria de chamar de “conhecimento de sua condição social” pode levar à uma reflexão (esclarecimento) sobre seu posicionamento. Isso requer: olhar pelo olhar do outro e ter as mais diversas lentes para olhar a realidade, que não a da sua classe social apenas. Isso requer, essencialmente, conhecimento sobre a sociedade nas mais variadas ciências (economia, política, sociologia, filosofia), sobre sua construção social e corporal (psicologia, história, educação física) e uma formação para o mercado de trabalho (matemática, química, metodologias de ensino, pesquisa, dentre outras), ou seja, requer a formação de um homem completo, não a de um escravo: basta lembrar que a *dulcéia* (educação de escravos) remetia ao trabalho direto e a *paidéia* (formação do cidadão) envolvia uma grande gama de conhecimentos.

Em uma sociedade como a nossa em que se ensinam os indivíduos a serem escravos e as eleições são uma disputa pela cooptação dos olhares destes escravos prontos para obedecer, a ditadura se reforça pela opinião dos igualmente ignorantes.

Desejamos uma sociedade de homens livres, de raças iguais, de economia menos desigual. Desejamos uma sociedade onde músicos e jogadores de futebol sejam tratados como intelectuais e professores tratados como lixo. Esta sociedade só pode existir com a formação de seres políticos, corporais e laborais, ou seja, capazes de refletir sobre a sociedade política e cultural, que tenham conhecimento de seu corpo e que estejam aptos para estar no mercado de trabalho, dentro de seus direitos. Mais uma vez, isto não é novidade: minha ideia é a soma de minhas reflexões com Platão, Marx e Freire.

Além de uma educação completa, é necessária a reforma do sistema político que ai se encontra: contra o povo, por uma manutenção ou chegada ao poder, apoiando os que já são muito ricos, numa dualidade sem fim. Isso não quer dizer que não existam progressos nos últimos 12 anos, mas também não quer dizer que não existiram progressos nos 04 anteriores, não estou comprando lados, estou refletindo.

Não aceito a ditadura da opinião sobre o povo, nos transformando em uma massa maleável, hora a favor, hora contra, ao bel prazer do vento ideológico. Eu quero uma democracia de fato, onde homens conscientes votam e escolhem suas falas, sem que nenhum artista falido do século passado venha dizer em quem devo votar.

Referências

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **Indústria Cultural e Sociedade**. Tradução de Julia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. São Paulo: Jorge Zahar, 1985.

GRAMSCI, Antônio. Os Intelectuais e a Formação da Cultura – **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. **Cadernos do Cárcere** – Volume 02, Cadernos Miscelâneos (1932). Tradução Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Escritos Políticos** – Volume 01, Lisboa: Seara Nova 1976.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)**. 2ª ed.. Tradução Marcos Santarita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. Tradução Marylene Pinto Michel. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Recebido: 04/11/2014

Aceito: 17/12/2014